Ô Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA | NOVEMBRO E DEZEMBRO | 2007 | NÚMERO 65

O COTIDIANO COMO INSPIRAÇÃO

REFLEXÕES E AÇÕES ENTORNO DO CENTENÁRIO DE MARTINHO DE HARO ATESTAM A GRANDEZA DO MODERNISTA CATARINENSE

E MAIS | CRÔNICAS, CRÍTICAS, FOTOGRAFIAS, POEMAS E ARTES

CENTENÁRIO

Quando morreu aos 77 anos, vítima de um infarto fulminante, o catarinense Martinho de Haro era um artista ainda em plena atividade. Amava a pintura, e dedicou-se a ela da juventude até a velhice, somando em seu currículo a participação em dezenas de exposições e salões de arte, onde exibiu parte das centenas de quadros que pintou e que hoje estão espalhados pelo mundo.

Suas paisagens, nus, naturezas-mortas e retratos acabaram por transformar Martinho em uma figura ímpar no modernismo brasileiro, e é para sua obra que são dedicadas grande parte das páginas desta edição de Ô Catarina! Afinal, são raros os momentos em que podemos comemorar o centenário de nascimento de um artista catarinense com uma produção tão significativa quanto a dele.

A Fundação Catarinense de Cultura apoiou desde o início a viabilização dos eventos comemorativos ao centenário de nascimento de Martinho de Haro, criando inclusive uma comissão organizadora. O resultado foi um significativo trabalho de divulgação da obra do artista, com exposições, produção de documentário, palestras e confecção de belos livros ilustrados, tudo resultado de um gigantesco e contundente levantamento da obra do artista.

COLABORADORES

C.RONALD é escritor

DENNIS RADÜNZ é escritor

FERNANDO CAMUASO SEGUNDO é estudante de jornalismo e fotógrafo

GILMAR KNAESEL é secretário de Estado de Turismo, Cultura e Esporte

JASON DE LIMA E SILVA é escritor

JAYRO SCHMIDT é professor de pintura e história da arte

MARILANGE NONNENMACHER é historiadora

NÉRI PEDROSO é jornalista

PÉRICLES PRADE é crítico de arte

WALTER GUERREIRO é crítico de arte

YLMAR CORRÊA NETO é médico e membro da comissão do centenário de Martinho de Haro

EXPEDIENTE

SANTA CATARINA

GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Luiz Henrique da Silveira

VICE-GOVERNADOR | Leonel Pavan

SECRETÁRIO DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE | Gilmar Knaesel

FCC Fundação Catarinense de Cultura

PRESIDENTE | Elisabete Nunes Anderle
DIRETOR ADMINISTRATIVO | Armando Costa
DIRETORA DE DIFUSÃO ARTÍSTICA | Mary Garcia
DIRETORA DE PATRIMÔNIO CULTURAL | Simone Harger
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO | Deluana Buss
CONSULTORA DE PROJETOS ESPECIAIS | Maria Tereza de Queiroz Piacentini
CONSULTOR JURÍDICO | Sergio Locks
GERENTE DE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E CONTABILIDADE | Antônio Ubiratan
GERENTE OPERACIONAL | Domingos Guedin
GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS | Soraya Fóes Bianchini
GERENTE DE PATRIMÔNIO | Jefferson Fonseca
GERENTE DE PESQUISA E TOMBAMENTO | Halley Filipouski
ADMINISTRADORA DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA | Iara R. da Silva
ADMINISTRADORA DO TEATRO ADEMIR ROSA | Margaret Westphal
ADMINISTRADOR DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA | João Evangelista de Andrade Filho
ADMINISTRADORA DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM | Denise Thomasi
ADMINISTRADORA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Élia Mara Magalhães Brites
ADMINISTRADORA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA | Susana Simon
AMINISTRADORA DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO | Márcia Dutra Boos
ADMINISTRADORA DA CASA DA ALFÂNDEGA | Lucília Polli
ADMINISTRADORA DA CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR HERCÍLIO LUZ | Marilóide da Silva
ADMINISTRADOR DA CASA DOS AÇORES MUSEU ETNOGRÁFICO | José Neves
ADMINISTRADOR DO MUSEU NACIONAL DO MAR | Márcio Rosa
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Marita Balbi

Ô CATARINA!

EDITORA| Deluana Buss (JP/SC 01009)
COORDENADORA| Mary Garcia
CONSELHO EDITORIAL | Jayro Schmidt, Mary Garcia, Nazareno Eduardo de Almeida, Néri Pedroso, Onor Filomeno
PLANEJAMENTO GRÁFICO E ARTE | Ayrton Cruz
IMPRESSÃO | Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)
TIRAGEM | 10 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Publicação da Fundação Catarinense de Cultura

APOIO | FUNCULTURAL SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE

ENTRE EM CONTATO |
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600 – Agronômica – CEP 88025-202 – Florianópolis – SC

E-MAIL | ocatarina@fcc.sc.gov.br
FONE | (48) 3953-2383
SITE | www.fcc.sc.gov.br

CARTAS

"Meu nome é Eliane Pereira (Nane), sou estudante de jornalismo em Blumenau e no feriado aproveitei para conhecer o Museu do Mar e toda a parte histórica e cultural de São Francisco do Sul, onde recebi o jornal de vocês. Achei interessantíssimo, gostaria de saber onde vocês distribuem em Blumenau ou se há condições de receber em casa pelo do correio.
Muito obrigada, sincero abraço."

NANE PEREIRA (Blumenau)

"Interessante a matéria levada a efeito pelo fotógrafo Gill Konell e pela historiadora Elisiana Trilha Castro sobre o estado de abandono de alguns cemitérios de origem germânica em Santa Catarina, publicada no Ô Catarina! nº 64. Entretanto, é bom ressaltar que a realidade de alguns cemitérios alemães é bem diferente. É o caso, dentre outros, do Cemitério Alemão, no interior do Cemitério Municipal São Francisco de Assis, em Florianópolis, e certamente do Cemitério Evangélico Luterano no centro de Blumenau, em que associações de pessoas voluntárias cuidam com carinho e responsabilidade de seus espaços.
De qualquer forma, parabéns pela matéria, pois pode fazer com que novas pessoas engajadas no tema se levantem na sociedade e busquem soluções efetivas para fomentar a proteção desse patrimônio histórico e cultural brasileiro de toda sociedade."

PEDRO AMADEO BRUECKHEIMER e **IVO LAUDELINO DA LUZ** (presidente e secretário da Associação Cemitério da Comunidade Alemã de Florianópolis)

"Sou escritora e estive lançando um trabalho literário na Feira de Livros em São José. Na oportunidade, recebi Ô Catarina!, delicioso material de divulgação da literatura. Gostaria de deixar registrado os meus mais sinceros parabéns aos editores, coordenadores, conselho editorial etc. Atualmente sou presidente da Sociedade Escritores de Blumenau (SEB), entidade que há oito anos trabalha a literatura de nossa região. Gostaria de saber de que forma poderia receber (ou assinar) Ô Catarina!, inclusive para que possa repassar aos associados da entidade. Mais uma vez, parabéns a todos!"

FÁTIMA VENUTTI (Blumenau)

"Gostaria de parabenizá-los por trazer de volta o periódico, e ao mesmo tempo me colocar à disposição como colaborador. Sou escritor e estou produzindo um texto em série sobre o conflito do Contestado, abordando de maneira informal a provável vida pregressa de alguns personagens importantes do movimento. Entrando no imaginário, procuro traçar um perfil de alguns dos elementos que ajudaram a fazer essa história."

MAURO JOSÉ FURTADO MELO (Papanduva)

"Como diretora de Eventos e Projetos da Fundação Lagunense de Cultura venho por meio desta solicitar exemplares do jornal Ô Catarina! tanto para a nossa Fundação quanto para a Biblioteca Pública de Laguna. Desde já agradecemos a colaboração, e ficamos contente com o retorno deste jornal. Estimamos grande sucesso."

HELEINE Mª DA SILVA (Laguna)

NOTA DA REDAÇÃO: Quem estiver interessado em ser assinante de Ô Catarina! e receber o jornal em casa, gratuitamente, deve encaminhar o endereço de correspondência completo para **ocatarina@fcc.sc.gov.br**.

CULTURA COM INCENTIVO É POLÍTICA SOCIAL

TEXTO | GILMAR KNAESEL
ILUSTRAÇÃO | AYRTON CRUZ/DIVULGAÇÃO

Desde a criação do Funcultural, em 2005, as artes visuais, literárias, musicais, o cinema e as diversas formas de expressão cultural asseguraram uma representatividade nunca antes conquistada pelo segmento cultural em Santa Catarina. A produção atual é resultado de uma política de descentralização, implantada pelo governo do Estado, que apóia e incentiva a atividade artística em todas as regiões catarinenses, bem como promove o acesso a produtos culturais, formando público para a música clássica, para o teatro, a dança, as artes visuais, o cinema e a literatura em Santa Catarina. O Circuito Catarinense de Orquestras é um exemplo desta política, pois contribui para a manutenção e aprimoramento das orquestras, que formam músicos e promovem apresentações de concertos gratuitos em 70 municípios catarinenses. Na música, destaca-se o Festival da Música e da Integração Catarinense (Femic), projeto que divulga a diversidade musical e revela novos talentos. Em novembro, ocorreu o 14º Festival Internacional de Corais, em Criciúma, outro evento tradicional e importante para a cultura regional.

Com um público de quase 72 mil pessoas, de diferentes faixas etárias e de todas as regiões do Estado, a Maratona do Cinema é um programa de grande valor social. A tela itinerante é um projeto desenvolvido pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte que, em parceria com a rede estadual de ensino, por meio das secretarias de Desenvolvimento Regional (SDR's) leva as produções de autores catarinenses e nacionais para a população que não tem acesso às salas de cinema. O Florianópolis Audiovisual do Mercosul (FAM) é um espaço aberto para as políticas do setor, com debates, fóruns, projeções cinematográficas e trabalhos audiovisuais. Outro importante evento nesta área é o Festival de Cinema Infantil, realizado no Centro Integrado de Cultura (CIC), anualmente. Além de ser uma *vitrine* para produtores do Brasil e do exterior, é formador de público infantil para um farto mercado de produtos audiovisuais direcionados para as crianças.

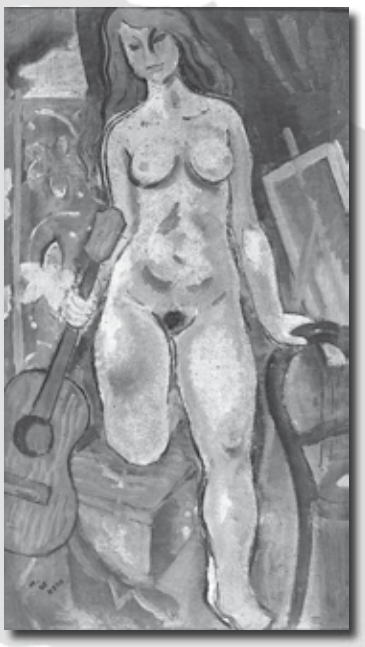
As artes cênicas são contempladas com o Festival Universitário de Teatro de Blumenau, que incorpora na sua programação grupos teatrais universitários de todo o Brasil e de outros países. A estrutura disponível para o setor cultural também ganhou mais atenção por meio desta política. A Biblioteca Pública de Santa Catarina está totalmente informatizada, o Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) foi reaberto com sua estrutura restaurada. O CIC, que recebe importantes eventos, como as comemorações do centenário de Martinho de Haro, e espetáculos locais de nível internacional, como o recente "La Traviata", está sendo revitalizado e ampliado.

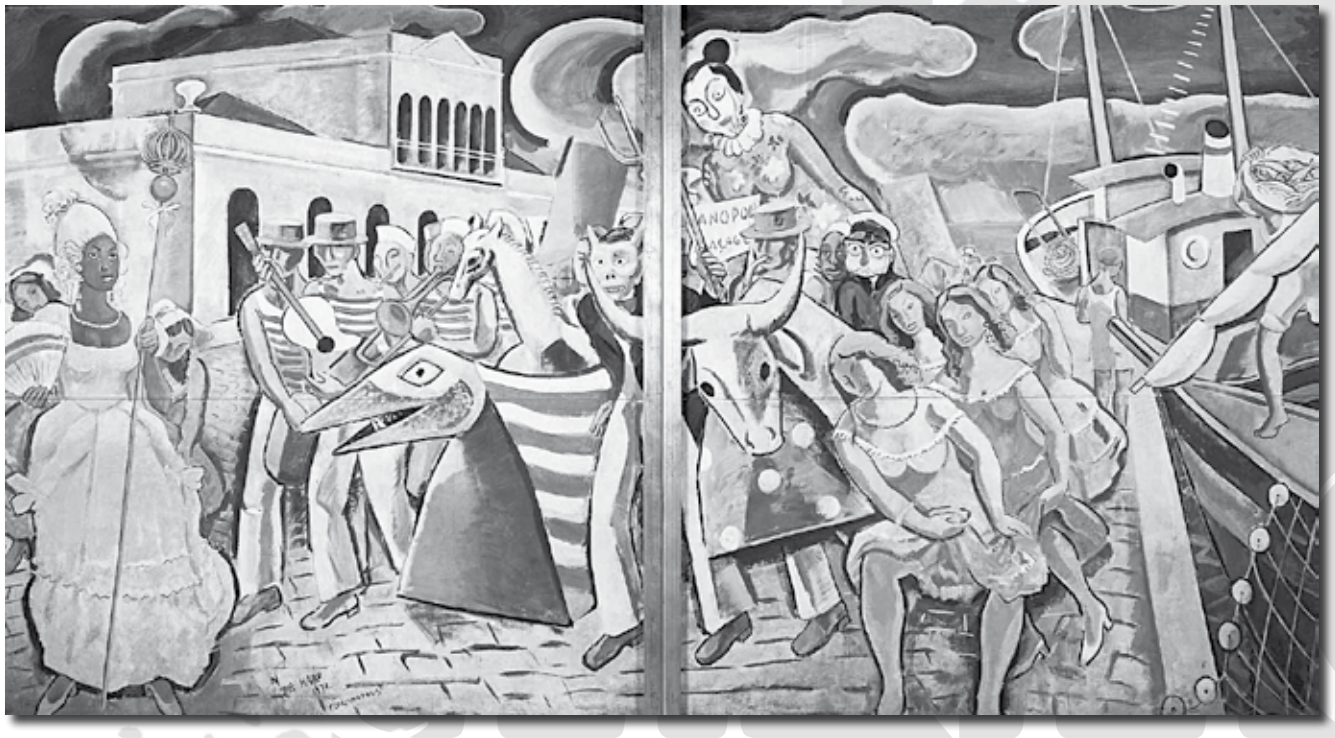
Todos são exemplos de iniciativas realizadas por meio do Funcultural. Esses e tantos outros eventos, projetos e produtos culturais catarinenses coroam nossa política. Poderia citar os muitos projetos – e foram cerca de quatro mil – que tramitaram pelos fundos de incentivo de Cultura, Turismo e Esporte (Seitec) em 2007, o que demonstra o sucesso deste mecanismo de incentivo e também da política de integração destas três áreas para o desenvolvimento sócio-econômico em todo o Estado.

O Funcultural é o maior mecanismo do governo estadual de incentivo à cultura, e o apoio é igualmente importante para a promoção da inclusão social. A valorização dos artistas catarinenses e a divulgação da produção regional também estão no escopo deste incentivo, portanto Santa Catarina é cenário de uma verdadeira transformação no que diz respeito a políticas na área da cultura. Queria destacar o papel da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) neste processo. Sua atuação vai muito além da valiosa missão de preservar o nosso patrimônio cultural e histórico por se tratar de um executor da política cultural do governo do Estado de Santa Catarina.

BREVE BIOGRAFIA

- Martinho de Haro nasce em 11 de novembro de 1907, em São Joaquim.
- Com 20 anos faz sua primeira exposição individual, no Salão do Conselho Municipal de Florianópolis.
- Com essa mesma idade, em 1927, após curso artístico no Liceu de Artes e Ofícios, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.
- Participa de várias exposições e cursos até que em 1937, no Salão Nacional de Belas Artes, recebe o prêmio Viagem ao Exterior, de dois anos.
- Em 1938 casa-se, em São Joaquim, com Maria Palma, e no mesmo ano o casal parte para Paris.
- No ano seguinte, nasce o primogênito Rodrigo, futuro pintor e poeta. A experiência na Europa dura apenas um ano, por causa da guerra. Depois de curta temporada no Rio de Janeiro, Martinho volta a residir em São Joaquim, em 1939.
- Em 1942, fixa residência em Florianópolis. De 1943 a 1945 é professor de desenho no Instituto Estadual de Educação e na Escola Técnica Federal de Santa Catarina.
- A filha Sílvia nasce em 1945, o filho Martim Afonso nasce em 1948, e o filho André Vidal nasce em 1950.
- Em 1949 participa da comissão de criação do atual Museu de Arte de Santa Catarina – que viria a dirigir de 1955 a 1958.
- Depois de participar de várias exposições coletivas, Martinho realiza em 1952 sua segunda individual, agora no Grupo Escolar Modelo Dias Velho. É a primeira grande exposição depois das temporadas carioca e parisiense.
- Em 1959, nasce a filha Isolda, que morre aos cinco anos, vítima de atropelamento.
- Com centenas de quadros pintados, dezenas de participações em exposições coletivas, individuais e salões, Martinho morre em 23 de maio de 1985, vítima de um infarto fulminante. Tinha 77 anos e estava em plena atividade, deixando inclusive alguns quadros inacabados.





FOTOS | DIVULGAÇÃO

MARTINHO DE HARO
EM PARIS, 1938

PALETA LUMINOSA

DONO DE UMA OBRA SINGULAR, MARTINHO DE HARO SE NOTABILIZOU NO REGISTRO PICTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS, CIDADE QUE O INSPIROU A COMPOR PAISAGENS CARREGADAS DE PÓESIA E INTROSPECÇÃO URBANA

A formação de Martinho de Haro, basicamente pictórica, dependeu dos estudos na Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, na Academia da Grande Chaumière, Paris, e de contatos circunstanciais com pintores modernistas que de uma maneira ou de outra absorveram a atmosfera cosmopolita da Escola de Paris.

Tal escola, no início do século 20, concentrou artistas de várias nacionalidades e transformou Paris em pólo cultural da Europa. Aglutinaram-se, em conseqüência, correntes e tendências que exerceram a livre expressão. A liberdade artística da Escola de Paris consistiu na independência pessoal, não sujeita a princípios políticos ou ideológicos, daí seu caráter anti-acadêmico, porém conciliador de todas as renovações e inovações que em pouco tempo foram institucionalizadas pela cultura.

Martinho de Haro, à sua maneira, beneficiou-se da atmosfera artística parisiense, mas não aderiu às especificidades estéticas dos "ismos" vigentes naquela época. Não por falta de oportunidade, mas por temperamento. Com isso, por um lado, ele evitou os ecletismos e, por outro, encontrou soluções de plasticidade pessoal como outros pintores brasileiros de sua geração, por exemplo Guignard e Di Cavalcanti.

Após as viagens de formação, Martinho de Haro estabeleceu-se na Ilha de Santa Catarina – o principal motivo de sua obra. Ele, aliás, foi quem introduziu o modernismo em Santa Catarina, consolidado radicalmente pelo Grupo Sul, a exposição de arte organizada por Marques Rebelo e o surgimento do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis. Esta foi a situação histórica até o final dos anos 1950, antecedida pela obra acadêmica romântica de Victor Meirelles e a realista ingênua de Eduardo Dias.

Martinho de Haro foi além das normas mais rígidas do academicismo, e manteve, sob controle no pulso, os arroubos românticos e ingênuos. A ele interessava a realidade imediata das coisas cotidianas: objetos, animais, pessoas e, sobretudo, o ambiente em que viveu com sua característica silenciosa, qualidade expressa em pintura que atribuía à cidade uma espécie de introspecção urbana, não interferida pela agitação, entregue a seu anonimato poético – cidade que foi desfigurada pelo progresso. O artista, no entanto, não tinha preocupações de registro no sentido patrimonial. A cidade de Martinho de Haro movia-se por outro registro, de cunho subjetivo, em direção de si mesmo na quietude de um lugar quase que suspenso no tempo e com o processo pictórico submetido à percepção do espaço em planos inclinados para desviar-se da perspectiva propriamente dita, afastando-se, assim, do linear como padrão espaço-temporal.

Com isso, e aqui se encontra o mais importante, Martinho de Haro afirmava outra perspectiva, a vivida nas ruas, nas paredes, janelas e portas – a cidade como consciência da cultura que a engendrou e o artista pintou com sentimento crepuscular, em tensão no contraste entre a solidez das edificações quase em sono e a vigilância das nuvens e ondas, em transição, como que ironizando a cidade desabitada.

A meu ver, é este o aspecto mais intrigante e interessante na pintura de Martinho de Haro. Talvez ele quisesse dizer, e continua querendo em sua obra, que uma cidade sobrevive graças ao que se passa em seu interior, quando, por superficialidade dos conluios citadinos, acredita-se que a vida mesma não seja a ficção do tempo edificado em algum lugar, o da memória e da percepção com as suas imagens metafísicas.

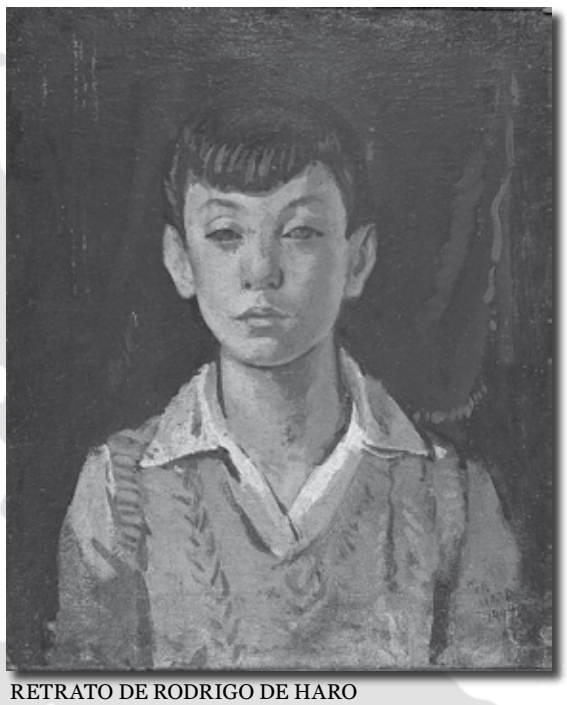
Uma cidade quase sem habitantes, com embarcações atracadas ou que não se sabe se chegam ou se partem. E uma pintura que não é jornalística, porém narrativa como cenário de tantos fatos que a realização artística deu as coordenadas visuais, seja nos beirados, nos telhados, nos espectros da ponte, nas casas geminadas. Pintura econômica nos detalhes, em conformidade com a imagem narrativa e em função de seu significado panorâmico, quase sempre frontal, numa gama de cores que sugere, para a duração do olhar, o que se esconde nas coisas prosaicas.

A desolação na cidade de Martinho de Haro não denota desinteresse pelo humano. É a própria ausência que humaniza a cidade real e imaginada, tornado-a palpável em termos de permanência e impermanência da vida. Tanto é que o artista foi paciente e arguto retratista do ponto de vista da tradição que não separava, nos retratados, o eu do outro.

TEXTO | JAYRO SCHMIDT
FOTOS | ALBUM DE FAMÍLIA E DIVULGAÇÃO

NAS RÉDEAS DO PASSADO

CENTENÁRIO DE MARTINHO DE HARO MEXE COM A VIDA DO FILHO, RODRIGO, QUE PERDEU A CONTA DAS VEZES EM QUE ESTEVE NO MASC PARA RETOMAR, DE CERTA FORMA, UM DIÁLOGO INTERROMPIDO PELA MORTE DO PAI E PELO REENCONTRO COM AMIGOS, COMO A POETA E ARTISTA BEATRIZ LUZ, QUE ESTEVE EM FLORIANÓPOLIS PARA APRECIAR A MOSTRA. "Ô CATARINA!" ACOMPANHOU OS DOIS, NO DELEITE DAS OBRAS E DA MEMÓRIA



RETRATO DE RODRIGO DE HARO FEITO PELO PAI EM 1944

TEXTO | NÉRI PEDROSO
FOTO | DIVULGAÇÃO

Os meses de outubro e novembro tiraram parte da serenidade de Rodrigo de Haro. O filho de Martinho viu-se mergulhado num turbilhão de emoções provocadas pelas homenagens em torno do pai, cujo centenário de nascimento foi celebrado com uma grande mostra, lançamento de livros, um documentário e discussões em torno da obra do modernista. Amigos que vivem em outras cidades vieram especialmente para ver as obras expostas no Museu de Arte de Santa Catarina (Masc). Entrevistas, consultas, encontros, a memória revolvida, a alteração do sono. "Na exposição retomo um diálogo interrompido pela morte", diz, encantado com a reunião da exuberante produção pictórica. Paradoxalmente, viu-se obrigado a mexer com a saudade, o mais íntimo e o sagrado de sua vida, algo extenuante para qualquer ser.

Perdeu a conta do número de vezes em que esteve no Masc, acompanhando amigos e interessados na apreciação de pinturas reunidas de forma inédita. Ao lado da amiga, artista e poeta Beatriz Luz, Rodrigo enaltece as telas, chama a atenção de aspectos curiosos, lembra a infância, o convívio, as conversas. O passado no comando das rédeas.

A exposição, realizada de 9 de outubro a 2 de dezembro, conta com cerca de 120 trabalhos de acervos públicos, privados e da família. Além de um auto-retrato, de nus, flores e naturezas-mortas e das paisagens, um recorte mais íntimo é composto pelos retratos da mulher, dona Maria, e dos filhos. O seu, realizado em 1944, quando tinha cinco anos, é emblemático, tem "um valor extraordinário". Beatriz sabe o quanto o quadro é forte. A tela sempre esteve junto de Rodrigo, que vê o trabalho como um "ícone, um totem". Recorda quando posava. Embora fosse "muito falastrão, falava sem parar e ele dizendo 'fica quietinho um pouco'". A criança já intuia que algo importante estava acontecendo.

Vida entrelaçada com a de Rodrigo, Beatriz situa algo marcante no passado, na casa do pintor, naquela família, nos diálogos entre pai e filho, uma "coisa poética". Nada semelhante, segundo ela, havia na cidade entre as pessoas ditas comuns ou normais. Rodrigo a presenteia com um livro de poemas escrito a mão, requinte manual, um pequeno tesouro. "Não repare!", diz, modesto. Ela, envaidecida, conta que teve o privilégio de posar para o primeiro retrato pintado pelo amigo. "Está na minha sala, todo mundo ama aquele retrato. É muito especial."

Difícil apontar preferências dentro da mostra, porque cada um dos trabalhos traz momentos em que o pai se superou como executante, que alcança brilho pelo significado da realização. Assuntos delicados os da memória paterna, porque eram muito ligados. Embora diferentes no temperamento, estavam amalgamados. E assim, de certa forma, continuam, porque Rodrigo sente-se no aspecto físico cada vez mais parecido com o pai. "Ele tinha aquela coisa chamejante, inquieta, de escorpião com ascendente em escorpião, em torno dele sempre havia labaredas. Não era um homem tímido. Era valente, sempre tinha a palavra dele, mas havia também uma espécie de pudor, de reserva aristocrática. O excesso de notoriedade o aborrecia, algo que provocava pânico. Invasivo, tolhe a liberdade de olhar e criar, os outros se formalizavam em sua volta. Meu pai gostava de circular como anônimo, assim ele podia ver o mundo."

Volta-se novamente para as telas, acompanhado pelo olhar da amiga. Aponta uma das paisagens, cujo céu plúmbeo carrega intensa dramaticidade. Foi o primeiro quadro que Martinho pintou depois da morte da filha Isolda, em 1964. "Veja essas nuvens, esse céu pesado, é uma indagação, é dramático", exclama, para logo apontar à plenitude, à alegria, especialmente nos vasos de flores – "uma epifania", conceitua Beatriz.

Segue a conversa, agora na necessidade de destacar o que é considerado fundamental, a devoção ao trabalho, ao ofício da pintura. "Não lembro de um único dia em que ele não tivesse pintado, dedicado não à disputa, questão muito ampla das artes plásticas, da modernidade e da pós-modernidade, mas sim ao ofício de pintor, como ramo da atividade humana indispensável para a educação dos sentidos, para a percepção do mundo, para a solidariedade que defendeu sempre com integridade."

Certo de que a obra tinha o seu caminho, não se rendeu aos modismos, às novas tendências, acompanhava o entorno sem alienação, com tolerância, um sentimento íntimo de que sabia qual era a sua missão. "Meu pai nunca se exilou, não ficou afastado. O homem tem de estar no mundo junto de seu centro. O resto é carma. Ele sabia que o seu centro era aqui."

Na hipótese de um poder capaz de recuperar um fragmento desta convivência, Rodrigo situa-se como um pintor que aprendeu com o pai a maior lição, a da fidelidade ao trabalho acima de tudo. Ao mesmo tempo, lamenta que ele não tenha tido condições de fazer mais, porque morreu aos 78 anos, quando ainda dirigia o carro em alta velocidade, ia e vinha, atento a tudo, atendendo sobretudo a família, a mulher, a casa. "Era um homem enamorado pelos seus."

Em mais um avanço da memória, evoca "A Festa de Babette", filme dinamarquês de Gabriel Axel que tem como protagonista uma artista que conhecia os segredos de produzir alegria pela comida. Ela gasta sua herança no preparo de um banquete francês, degustado por pessoas plenamente dedicadas ao louvor protestante que prega a salvação pela renúncia. No final, comovidas, as patroas abraçam Babette, que comunica ter decidido ficar no lugarejo da costa da Dinamarca. A câmara se afasta, uma vela na soleira ilumina a noite que cai, Babette diz: "O artista só pede que o mundo lhe dê condições de fazer a sua obra". Isso é o fundamental, sentencia Rodrigo, para então, ao lado de Beatriz, mergulhar mais uma vez nas telas do pai e na própria vida.

FLORIANÓPOLIS EM COMBINAÇÕES SUTIS

Toda cidade, desde a fundação, é símbolo de si própria e da sociedade nela vivente. Contudo, sob o espectro visual, sua imagem corresponde ao simbolismo geral da paisagem, da qual é elemento representativo. Este é o dado mais relevante e emblemático para melhor compreendê-la. Assim, imagem e paisagem confluem no plano simbólico.

Certas cidades passaram a ser elas mesmas um símbolo ou foram procuradas por algo que, isoladamente, as identifica de imediato.

A partir do século 16 o conceito dos símbolos das cidades era limitado a detalhes (microcosmo estético), encontráveis em vários lugares (quase sempre os antigos), ou seja, de forma distinta como ocorre no presente, em que prepondera a visão estética geral dos cenários (macrocosmo), valorizando-se mais a expressão simbólica de cunho cultural (de amplo sentido), onde se insere a paisagem dual (física e espiritual).

Martinho de Haro é o pintor catarinense que de forma mais ostensiva soube compreender o sentido simbólico da paisagem florianopolitana de dupla face real (isto é, não imaginária ou imaginante), absorvendo as características gerais e particulares dominadas pelos elementos resultantes da expressão unificadora de seus ágeis pincéis.

Realizou a obra projetando, nos desenhos e nas pinturas, um peculiar estado d'alma, imantado pela paisagem da Ilha, inclusive quando, abstraindo-a, optou por retratos, naturezas-mortas, nus, murais, ou coisas, pessoas e costumes de recorte regional.

Quanto à fatura das paisagens, elas eram desenhadas, antes, para, depois, ser convertidas em pinturas no ateliê. Apreendia o tema a partir desse instante precipitante do processo criativo, na paleta ou fora dela, propiciando a atração das nuanças da atmosfera da cidade, do segredo de sua alma e do tempo/ser/objeto, guiados pela intuição do artista.

Foi num contexto ambiental anterior (1942-1985) que captou sua real configuração arquitetônica, revelando-se extraordinário memoralista, principalmente quando, ao transmitir a sensação de maciço, pintou casarios, registrando, às vezes, a discreta presença de pessoas, condutoras de icônicas e freqüentes charretes puxadas por cavalos elegantes. Enfim, congelando o tempo passado para catapultá-lo à posteridade.

A respeito de seu estilo, equívocos têm sido veiculados, sendo mais freqüente o da insistência em situá-lo como pintor fovista (conquanto se reconheça eventuais aproximações com Marquet), quiçá por ter estudado com o mestre Othon Friesz (um *fauve tardio*) na Academia da Grande Chaumière, em Paris. Sem falar nos que constataram mescla da *art nouveau* com o cubismo de propensão geométrica.

Não percebemos, nele, *fauve* típico ou atípico, mas uma particular visão cezanniana-matisseana, em determinadas obras, salientando-se o enfoque mais intelectual da experimentação pictórica, a disciplina da mente, as combinações sutis das cores, a harmonia cromática dos tons, a aparente simplicidade da execução e a evocação da atmosfera lírica.

Daí que deve ser posto em relevo o lirismo imanente à atmosfera nuançada de seus cenários, reveladores de resíduos de um realismo romântico subjacente que aos poucos perdeu sua força, considerando-se a poética de suas obras, portanto, no campo da figuração lírica, afeita aos paradigmas do modernismo brasileiro, ao qual aderiu sem deixar de ser ele mesmo.

Suas obras têm, como suportes variáveis, tela, eucatex (lisa ou rugosa), madeira e tela montada em eucatex, sobre os quais pinta com técnica a óleo apurada, sugerindo, algumas pinturas, aguadas ou aquarelas, além da utilização de tinta magra, diluída, em camadas finas, quase sempre suaves.

Vale-se, nas paisagens, de cores de diversos matizes, mormente na inserção dos céus, muitas das quais contendo efeitos brumosos (sem prejuízo dos tons desmaiados) ou graduações variadas postas e superpostas em pinturas acabadas ou não, com adoçamento e delicadeza (refugando o empastamento) de virtuose que renega o acaso e a execução *alla prima*.

Dessa teia de cores plasmadas pela luz surgiu uma composição (na ilusão tridimensional do volume) que, como organização dos diversos elementos da estrutura global, resultou harmônica, transmissora de integridade/unidade, cuja perfeita distribuição de massas, linhas e sombra produziu imagens coerentes nos domínios da forma eleita.

Resumindo: Martinho de Haro (1907-1985), verdade seja dita, é uma das maiores expressões do modernismo nacional, tendo incorporado, nas paisagens de Florianópolis, física e espiritualmente – cujos desenhos notáveis constituem a base de seu impulso criador – os valores culturais da cidade durante significativo período de sua vida de artista prolífico, mediante estilo original inclinado ao figurativismo de substância lírica, sem esquecer as origens serranas, para, no futuro, resguardar as imagens datadas sob o signo da história.

TEXTO | PÉRICLES PRADE
FOTO | ALBUM DE FAMÍLIA E DIVULGAÇÃO

PRAZEROSO QUEBRA-CABEÇA

MEMBRO DA COMISSÃO DO CENTENÁRIO RELATA COMO FOI O DESAFIANTE TRABALHO DE REUNIR MATERIAL PARA MONTAR A CRONOLOGIA DO ARTISTA CATARINENSE

TEXTO | YLMAR CORRÊA NETO
FOTOS | ALBÚM DE FAMÍLIA E DIVULGAÇÃO

Já na primeira reunião da comissão do centenário de nascimento de Martinho de Haro, quando se delineou os planos das publicações e da retrospectiva do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), ficou evidente a necessidade de reunir informações sobre a obra e a vida do pintor. O material seria, e foi, essencial para a elaboração da exposição e das publicações.

Iniciou-se o inventário de pinturas procurando reconstruir, de forma consistente, a longa produção, cobrindo suas diversas fases, seus diversos motivos. Partindo de uma lista de colecionadores, elaborada quando da retrospectiva póstuma de 1986 arquivada na biblioteca do museu, e de conhecidos colecionadores atuais de arte catarinense, Ronaldo Linhares e Susana Cardoso iniciaram a captação das obras, que eram minuciosamente descritas e fotografadas por um grupo de fotógrafos liderados por Eduardo Marques e Tarcísio Mattos. Durante alguns meses, recebi, semanalmente, um CD com as fotos para atribuição de datas.

Martinho apenas ocasionalmente datava seus quadros, tornando a ordenação das pinturas um desafiante e prazeroso quebra-cabeça. A análise dos suportes, do estilo, dos motivos e a comparação com as obras datadas não foram suficientes. Testemunhos de familiares e amigos foram essenciais, mas, no que diz respeito às datas, eventualmente sofriam da fisiológica imprecisão da memória. A pesquisa bibliográfica se mostrou importante.

Há anos vinha colecionando, aleatoriamente, com uma ou outra obra, citações bibliográficas sobre o Martinho. Com o centenário, a busca tornou-se metódica. Também partindo da biblioteca do Masc, rica em catálogos e recortes de jornais sobre as atividades do artista nas décadas de 1970 e 1980, começamos a construir uma cronologia da vida do pintor. A coleção da revista "Sul", da biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), trouxe informações preciosas sobre a década de 40. No arquivo da família de Haro, rico em desenhos do pintor, uma hemeroteca elaborada pelo próprio artista, documenta os anos 1920 e 1930. As faltas e imprecisões foram cobertas na coleção de jornais da Biblioteca Pública de Santa Catarina e algumas incursões na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo, na biblioteca do Masp e na do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

As atividades de Martinho repercutiram na imprensa de forma ininterrupta desde os anos 1920, não cessando com seu falecimento em 1985. Um material significativo foi reunido e a simples enumeração das atividades, uma longa lista de exposições, privaria o leitor de textos às vezes precisos na análise, às vezes ingênuos, às vezes ricos em informação. Surgiu a idéia de enriquecer a cronologia com citações, recriando com depoimentos, alguns do próprio artista, notas, críticas, fotografias e poemas, a vida do mais consistente pintor catarinense no século 20.

De acordo com Adorno[1], em comentário sobre "Passagens" de Benjamin, a intenção foi de "abrir mão de todo e qualquer comentário explícito e deixar vir à tona os significados através da montagem do material na forma do choque". De acordo com Cèzanne ou com os cubistas, diversos lados de um mesmo tema foram expostos concomitantemente, às vezes de forma antagônica. O leitor da cronologia poderá construir vários Martinhos: o Martinho tímido homem de família, o Martinho agitador cultural, o Martinho simples e complexamente pintor. O inventário de pinturas e a cronologia não se pretendem fim, até porque incompletos, mas apenas meio para futuras análises da vida e obra do artista.

Procurando Martinho nos jornais foi possível recriar as principais exposições individuais de Martinho em Florianópolis (em 1927, 1952, 1963 e 1967) por meio de minuciosas descrições, incluindo relação de obras e às vezes os proprietários.

Na busca por Martinho em seus escassos depoimentos encontramos indicações de sua concepção da pintura. Como noticiado na revista "Sul" em 1951, Martinho era "avesso a entrevistas, reportagens ou o que quer que seja, é com extrema dificuldade que dele conseguimos algumas palavras. Acha que a função do artista não é falar, explicar, mas fazer".

Sobre as vanguardas cariocas nas décadas de 1920 e 1930, disse a Teixeira Leite: "Acho que sempre fui um pintor moderno, no sentido de que o que fazia em fins da década de 1920, por exemplo, diferenciava-se bastante do que produziam outros colegas".

Sobre o aprendizado com Henrique Cavalleiro disse a Osmar Pisani em 1982 que o mesmo lhe falava: "Aprenda a fazer certo para depois fazer errado".

Sobre a viagem a Europa disse a Fúlvio Vieira em 1949: "Obtive o prêmio de viagem no salão de 1937 e permaneci a maior parte do tempo em Paris. Não fui a Itália e Holanda, como estava programado, devido ao rompimento da guerra. Em Paris freqüentei o curso do professor Othon Friesz, na Academia da Grande Chaumière , durante o ano de 1938."

Sobre figuração e abstração disse também a Fúlvio Vieira: "A pintura contemporânea possui a preocupação máxima da pesquisa e o artista procura expandir o seu espírito inventivo. O panorama atual da pintura pode ser encarado através de duas correntes distintas: a que interpreta um objeto de maneira formal com os recursos plásticos e senso inventivo e a dos abstracionistas, que procura a beleza subjetiva do objeto com formas geométricas. Acho-me enquadrado na primeira destas escolas".

Sobre sua arte na plenitude disse a Quirino da Silva na década de 1970: "A minha pintura não atende – como sabe – ao decantado vanguardismo. Pinto o que sinto, o que toca a minha sensibilidade sem a preocupação de pintar o atualismo reinante. Para mim arte não tem que atender passado e nem futuro. Ela é de todos os tempos, de todas as épocas."

Estudando sua vida, difícil também não se surpreender com algumas coincidências que, involuntariamente ou não, contribuíram para a mistificação de Martinho, onde ilusão pictórica e biográfica se associam. Assim, quando José Boiteux encontra o adolescente autodidata desenhando ao ar livre em Campos Novos, o leva para Florianópolis e patrocina sua ida para a Escola Nacional de Belas-artes, é impossível não recordar de Cimabue encontrando Giotto com dez anos a desenhar carneiros no campo e levando-o para estudar em Florença. Impossível também não relacionar o exílio voluntário de Martinho em Florianópolis, sua predileção pela paisagem local, e certo retraimento em entrevistas à imprensa na década de 1940 com Cèzanne, sua Provença, seus motivos e seus modos. Ainda mais se lembrarmos dos sucessivos ninhos cezannistas pelos quais Martinho passou: Cavalleiro e o Núcleo Bernardelli no Rio, Friesz em Paris. O próprio Martinho optou por entrecruzar sua biografia com a de Gauguin, em entrevista a imprensa carioca em 1974, quando afirma: "Ele [Gauguin] foi para o Arquipélago de Taiti, eu fui para a ilha de Nossa Senhora do Desterro (nome arcaico de Florianópolis), para ficar lá, evitando confusão e influência".

Desde a adolescência Martinho de Haro gerou entre os catarinenses grandes expectativas, patrocinadas pelo catarinensismo de José Boiteux e Adolpho Konder nos anos 1920, quando se desejava um sucessor de Victor Meirelles.

Nos anos 1930 Martinho acumulou todas as premiações acadêmicas, culminando com o Prêmio Viagem ao Exterior no Salão de 1937, maior honraria possível a um pintor brasileiro.

A guerra e a conseqüente volta precoce da Europa gerou frustração e contribuiu para o isolamento em Florianópolis. Paradoxalmente, a província, como a Bolonha a Morandi, permitiu a criação de seu vocabulário próprio, especialmente na paisagem urbana de Florianópolis, onde inovou e modificou definitivamente a maneira de representar a cidade. Nestas paisagens os limites entre realidade e invenção se perderam, surgindo uma cidade ideal, nostálgica.

Quando faleceu, em 23 de maio de 1985, a manchete do então mais importante jornal catarinense anunciava: "Morreu Haro, o maior pintor de Santa Catarina em todos os tempos". As grandes expectativas se cumpriram.

[1] Apud Tiedermann, R.. Introdução à Edição Alemã. In: Benjamin, W.. Passagens. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

DE HARO

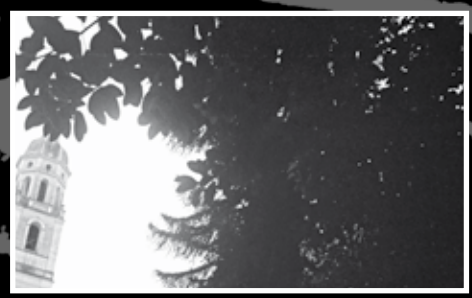


FOTO MARCO CEZAR

CARTOGRAFIA DA INTUIÇÃO

O FOTÓGRAFO ANGOLANO FERNANDO CAMUASO SEGUNDO, DEFICIENTE VISUAL, MOSTRA DIFERENTES FACES DO LUGAR ONDE VIVE

A relação entre arte e cidade tem sido exaustivamente tematizada tanto por aqueles que criam quanto pelos que produzem pensamento crítico sobre a produção artística. Depois de mostrar um conjunto de 22 imagens reunidas na exposição "Photo Grafos", realizada na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), em Palhoça, e na Galeria de Arte Pedro Paulo Vecchietti, em Florianópolis, o fotógrafo cego angolano Fernando Camuaso Segundo tem uma nova produção. Embora pequena, a sua nova coleção é reveladora.

Sem embates, a câmera de Camuaso Segundo se contrapõe ao mal contemporâneo, a saturação de imagens que provoca um outro tipo de cegueira. Límpidas, sem requintes de produção, expõe as paisagens de uma cidade bela, contornada por montanhas, invadida por carros, tomada de silêncio matinal, iluminada por tonalidades noturnas e misteriosas, o pôr-do-sol eternizado nos efeitos pictorais sobre as águas do mar.

A luz na vida deste fotógrafo é espectro. Aquilo que não vê e supostamente não pode ser captado é exatamente o que ele documenta não com a avidez de um experimentador, mas sim com uma poética capaz de apreender fantasmas urbanos, rearticulando o invisível, reinventando uma permanência sobre a qual ele não mantém nenhum controle. Assim, a urbe ganha uma outra potência, uma outra memória.

Seguidor de Evgen Bavcar, filósofo e fotógrafo esloveno que, apesar de ser deficiente visual, não abandonou a convicção de que poderia fotografar a partir da montagem de estratégias que o ajudaram a transformar-se num profissional

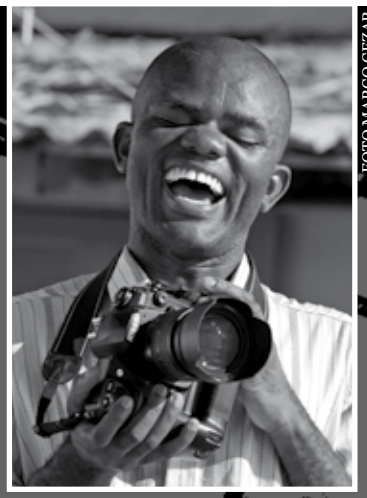
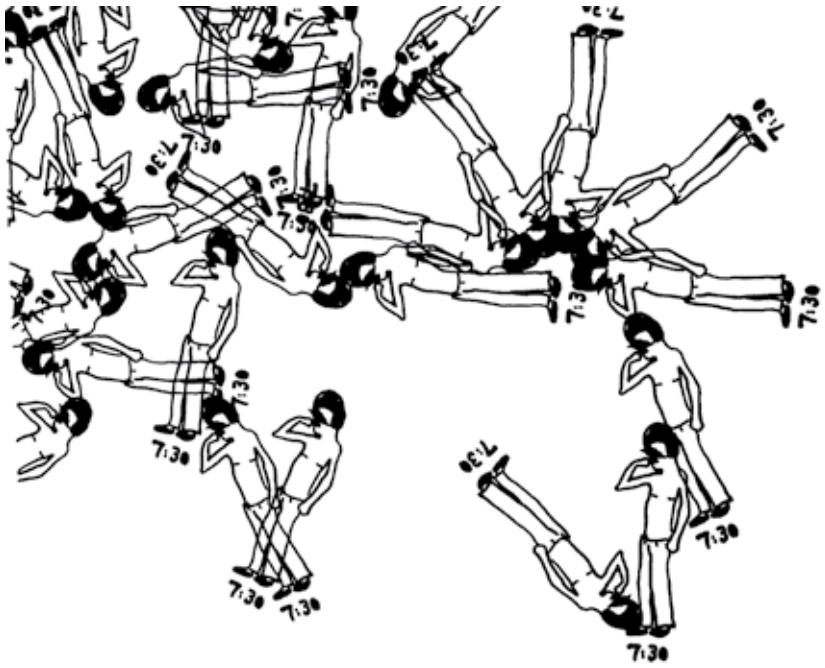


FOTO MARCO CEZAR

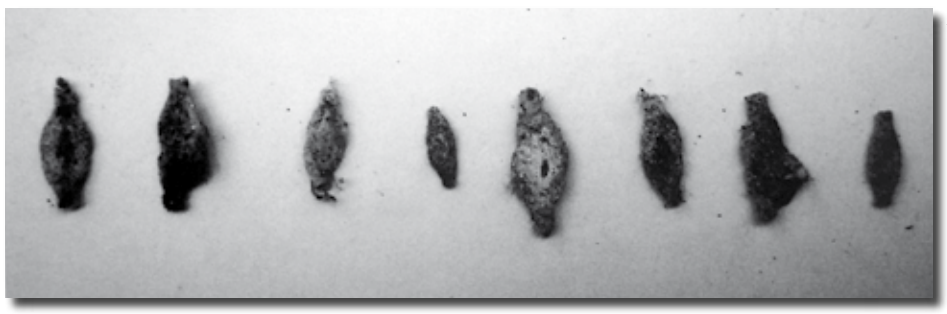
consagrado neste campo, Camuaso Segundo igualmente alicerça o seu sonho. Inicialmente as imagens foram produzidas no lugar onde estuda, na disciplina de introdução à fotografia do curso de jornalismo, com orientação da professora Marina Moros. Num outro momento, com o apoio do fotógrafo profissional Marco Cezar, fez registros do cotidiano, da arquitetura e de pontos turísticos de Florianópolis e São José.

Sem memória visual, porque cego desde menino, ele tem, no entanto, a percepção da luz. Consegue perceber o que está próximo, se tem sol ou neblina. "O enquadramento se dá com o apoio de uma outra pessoa. É fonte de grande alegria deparar-me em frente de uma câmera e retransmitir todas minhas emoções, sensações e o ambiente. O fato de estar privado da visão não impede de me transformar. Por detrás de uma máquina, tenho uma 'arma' que me outorga o poder de 'visualizar' o mundo no meu imaginário, efetuando um quadro mental do espaço que me rodeia", diz. Empenhado em colocar o seu olhar, diz que está para a fotografia assim como o artista está a serviço da obra de arte para colocar o seu talento e a sua percepção. Cada imagem exige-lhe dedicação, pensamento, construção. "Busco a comunicação, como se escrevesse com as palavras."

Autor de uma cartografia que se sustenta quase como aparição, o autor recorta, justapõe espaços e tempos, vestígios e lembranças, fraturas e entrelaçamentos, destruição e beleza para montar um outro tecido – uma cidade que muitos já não enxergam mais – agora, paradoxalmente, revelada por alguém que não tem o privilégio de vê-la.



CHARLES KLITZKE | SEM TÍTULO



ALINE DIAS | TRAÇAS

PAULO GAIAD | O ATESTADO DA LOUCURA III

MÚLTIPLOS CAMINHOS

CRÍTICO DISCUTE OS PRÓS E CONTRAS DOS SALÕES DE ARTE BRASILEIROS

TEXTO | WALTER DE QUEIROZ GUERREIRO
FOTOS | DIVULGAÇÃO/9º SALÃO NACIONAL VICTOR MEIRELLES

Questionados no Brasil como formas esgotadas de diálogo entre a produção artística e o grande público após 150 anos de existência, os salões de arte ainda se constituem como os instrumentos de mais valia no acesso das comissões curatoriais ao que se produz em áreas diversas do país, e uma forma democrática de avaliação para artistas emergentes, que têm assim a possibilidade de ir além dos espaços extra-institucionais (bares, shoppings, associações), sendo então legitimados.

O primeiro e grande desafio na formação de um salão é a decisão de tornar o tema livre, aberto, reflexo do homem contemporâneo com sua diversidade de discursos, mas ao mesmo tempo dispersivo, cômodo para os inscritos pela continuidade de um processo produtivo, ou então optar por direcioná-lo, como habitualmente são realizadas as bienais e salões de grande porte, objetivando o desafio intelectual de responder a um problema.

A experiência aponta que, embora a segunda opção costume trazer obras de grande conteúdo, pela reflexão elaborada de conceitos desenvolvidos como imagens mentais, por outro lado afasta grande número de inscritos, o que dependendo da abrangência do salão, nacional ou regional, pode torná-lo inviável. Convém não esquecer que após seleção rigorosa do júri, apenas 10% da produção é apresentada, o que remete a outro grande problema: poderia haver uma experiência estética descompromissada, isenta de pré-julgamentos e próxima do olhar virgem do público? Essa questão do juízo estético perdura desde Aristóteles, e a tarefa ingrata do júri é estabelecer um juízo de valor entre a liberdade de expressão dos criadores e os aspectos poéticos dos trabalhos, mensurados como berços do pensamento, imagens condensadas em obras.

Existe uma fragilidade intrínseca na estrutura dos salões. Apresentam-se como um universo completo, do qual extraímos por amostragem sua fração mais significativa, contudo as amostras analisadas fazem parte de um instante na produção artística, feliz ou infeliz, que irão determinar a futura inclusão ou expulsão de uma obra e de um artista, validando ou afastando trabalhos no processo de circulação capitalista do mercado. Queiramos ou não, quem atua como jurado selecionando obras (e artistas) termina por legitimar o que é expressão de arte, referenda ou cria valores futuros indexados aos currículos.

Ao se institucionalizar o trabalho artístico através de um salão oficial, estamos superdimensionando culturalmente a obra, que adquire signo de status como produto cultural. Entra assim em jogo a ética e a capacidade curatorial de um salão, que irá depender de consenso intelectual dos integrantes na subjetividade do julgamento, na apreensão das formas diversas de expressão na contemporaneidade, de atribuir pesos adequados à análise estética, aos comentários subliminares que afloram no discurso poético, e na própria apreciação teórica.

Este talvez seja o ponto nevrálgico dos salões: a capacidade dos críticos que integram o júri irem além daquilo que Erwin Panofsky chamou "camada primária dos sentidos", aquele conjunto de informações que fazem parte de nossa bagagem existencial, e penetra na camada profunda dos significados, desvendando leituras possíveis, nas incertezas dos múltiplos caminhos da arte contemporânea.

O balanço aponta, desta forma, que os salões de arte, encarados por alguns produtores artísticos como instituições anacrônicas, diante da liberdade de que tudo é expressão de arte, continuam sendo a possibilidade de acesso a novos artistas para o mercado de arte, expondo verdades estéticas que não são absolutas ou unívocas, como criadores dependentes de um sistema que, se não é perfeito, ainda é o melhor, e que apenas através de catálogos consistentes, lastreados em argumentações e debates teóricos, possam vir a preencher o vácuo existente entre a interpretação das obras e a fruição do público, alvo final do processo.

"AQUI JAZ O MIRAMAR (✡1928 † 1974)"

Discorrer sobre a história do antigo Trapiche Miramar em poucas linhas é quase um tormento para uma historiadora como eu que se perde pelos recursos retóricos. Todavia, na esperança de ser clara e breve, falarei um pouco sobre sua história e quem sabe, oportunamente, contarei um pouco mais das singularidades que marcaram esse lugar de memória que se localizava no coração da cidade de Florianópolis, onde atualmente tem-se a praça Fernando Machado e o Memorial ao Miramar.

Ali havia um Trapiche Municipal, com um bar e restaurante, que era conhecido como Trapiche Miramar. O projeto de sua construção teve início em 1925, quando o Conselho Municipal de Florianópolis votou para que, nesse ano, o superintendente abrisse concorrência pública para construção de um cais destinado ao embarque e desembarque de passageiros, com prolongamento à Praça 15 de Novembro, e em substituição ao Trapiche Municipal que já não comportava o movimento de passageiros, lanchas, botes, entre outros.

Na ocasião, foi aceita a proposta do sr. Mário Moura, que se comprometeu na construção de um trapiche e de um pavilhão anexo, no prazo de dez meses a contar de quatro de novembro do corrente ano. A obra foi orçada em 90 contos, contribuindo a municipalidade com 60 contos e o sr. Mário Moura com 30 contos. Firmado o contrato, o concessionário teria direito de explorar comercialmente o pavilhão durante vinte anos, no qual seria instalado um café elegante, sala para refeições, compartimento para banhos, tudo com muito luxo e elegância.

Constava do contrato que "caso, ao cabo de doze annos, quiser a municipalidade arrendar o pavilhão, terá preferência em igualdade de condições o contratante Mário Moura ou seus herdeiros".[1] Os engenheiros Corsini, autores também dos planos do Hotel La Porta, que se situava ao lado da Praça Fernando Machado e também do novo Mercado Público, foram os eleitos para executar o projeto sob as orientações do arquiteto Augusto Hübel. O prédio foi inaugurado no dia 28 de setembro de 1928 numa solenidade pública de grande requinte.[2] A ocasião celebrava, além da notabilidade de seus convidados, o aniversário de posse do Presidente Adolpho Konder.

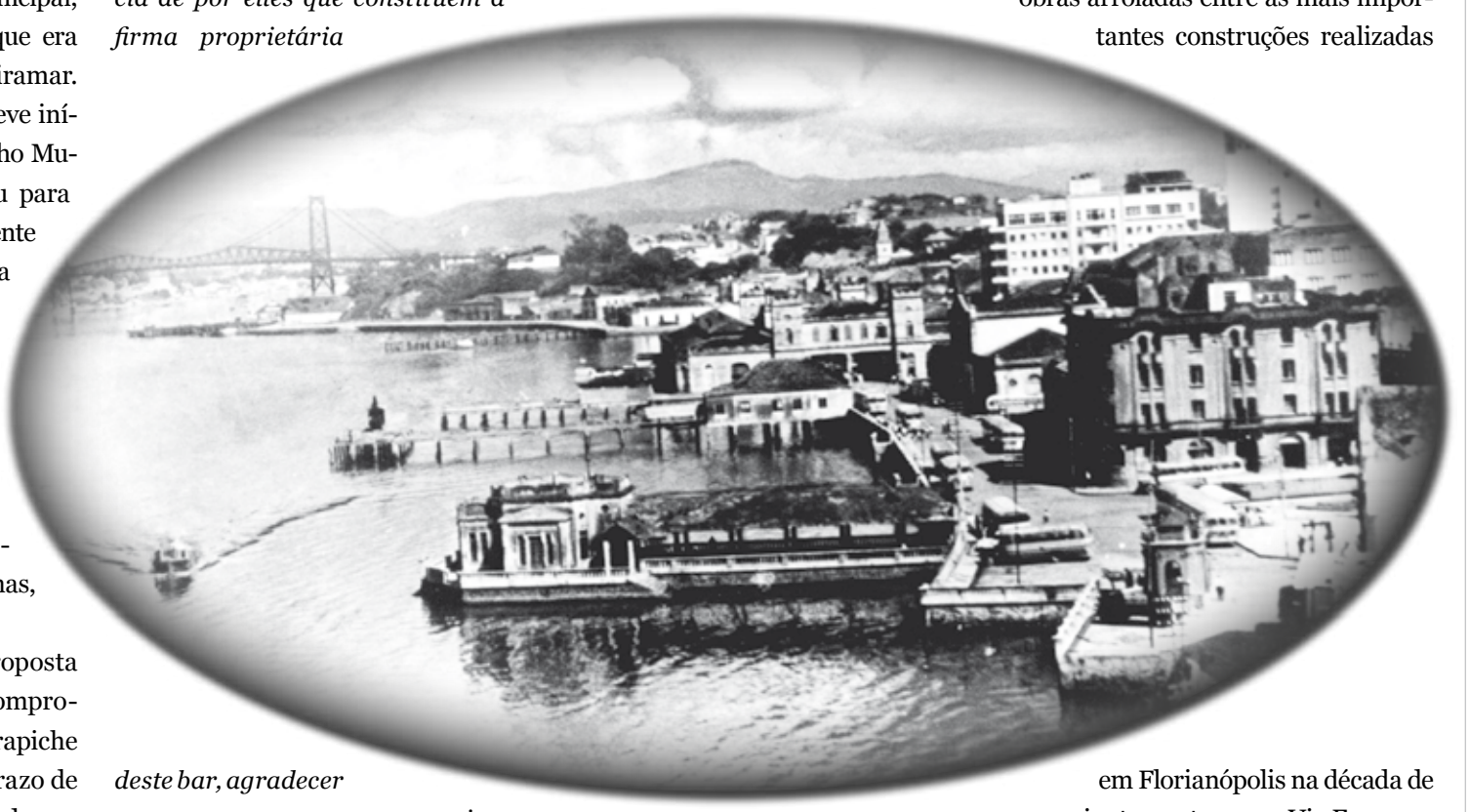
"Deram-me o Sr. David Silva e Mário Moura a grata incumbência de por elles que constituem a firma proprietária deste bar, agradecer a quantos neste momento, aqui se encontram trazendo-lhes, com a sua apreciada presença, animação e estímulo pela iniciativa que acabaram de por em prática.

Acompanhando dia-a-dia, a benéfica ação realizada de importantes melhoramentos que ahi estão attestados a fecunda administração do honrado Prefeito Municipal Heitor Blum, do Sr. Presidente Adolpho Konder, apresenta a todos nós assignalados trabalhos de remodelação geral e entre outros a construção deste lindo pavilhão, e que tanto realce dá a primeira Praça de Florianópolis e assignala a satisfação de necessidade palpitante. Os Srs. David e Mário entenderam em hora feliz de dotar a nossa bella urbs de um estabelecimento que correspondesse aos seus foros de capital de um Estado que entrou francamente na larga rota do progresso."[3]

Alguns meses depois da inauguração, os proprietários do bar se mostraram motivados em investir no empreendimento. Adquiriram, para diversão de seus freqüentadores – como também para manter a seletividade de sua clientela –, uma "electrolla". Era um equipamento muito moderno na época, que possibilitaria novos horizontes comerciais e que abriria novas possibilidades de atender a "fina flor da sociedade florianopolitana". Primeiramente, se fariam duas vezes por semana, nas quartas-feiras e sábados, "serões musicais (...) dedicados às famílias do nosso alto meio social". A aquisição de tão sofisticado equipamento favoreceria a promoção de eventos singulares para a cidade e atrairia aqueles sedentos por novidades, pelo exótico, pelo novo, pelo moderno.[4]

"Os proprietários do 'Miramar' installaram no seu elegante bar, uma electrola, moderno apparelho que substitue a melhor orchestra, dado o seu funcionamento, clareza de sons e reprodução perfeita de cantos dos mais consagrados artistas lyricos. O 'Miramar' fará duas vezes por semana (quartas e sabbados) serões musicais com a electrola das 20 às 23 horas, dedicadas às famílias do nosso alto meio social."[5]

Após ser destacado como sinônimo de desenvolvimento no discurso proferido em 1928, ironicamente o Miramar foi demolido também em nome do progresso. Sua demolição efetivou-se em 1974, como justificativa para construção do Aterro da Baía Sul e da Ponte Colombo Machado Salles, obras arroladas entre as mais importantes construções realizadas em Florianópolis na década de 1970, juntamente com a Via Expressa Sul, construída em continuação à avenida Rubens de Arruda Ramos. Contudo, o fantasma do velho Trapiche ainda ronda o espaço urbano. Tanto que foi construído um Memorial em sua homenagem em 2001, deixando uma questão em aberto: as soluções rodoviárias adotadas para construção do Aterro poderiam ter previsto a manutenção do Miramar no centro histórico de Florianópolis?



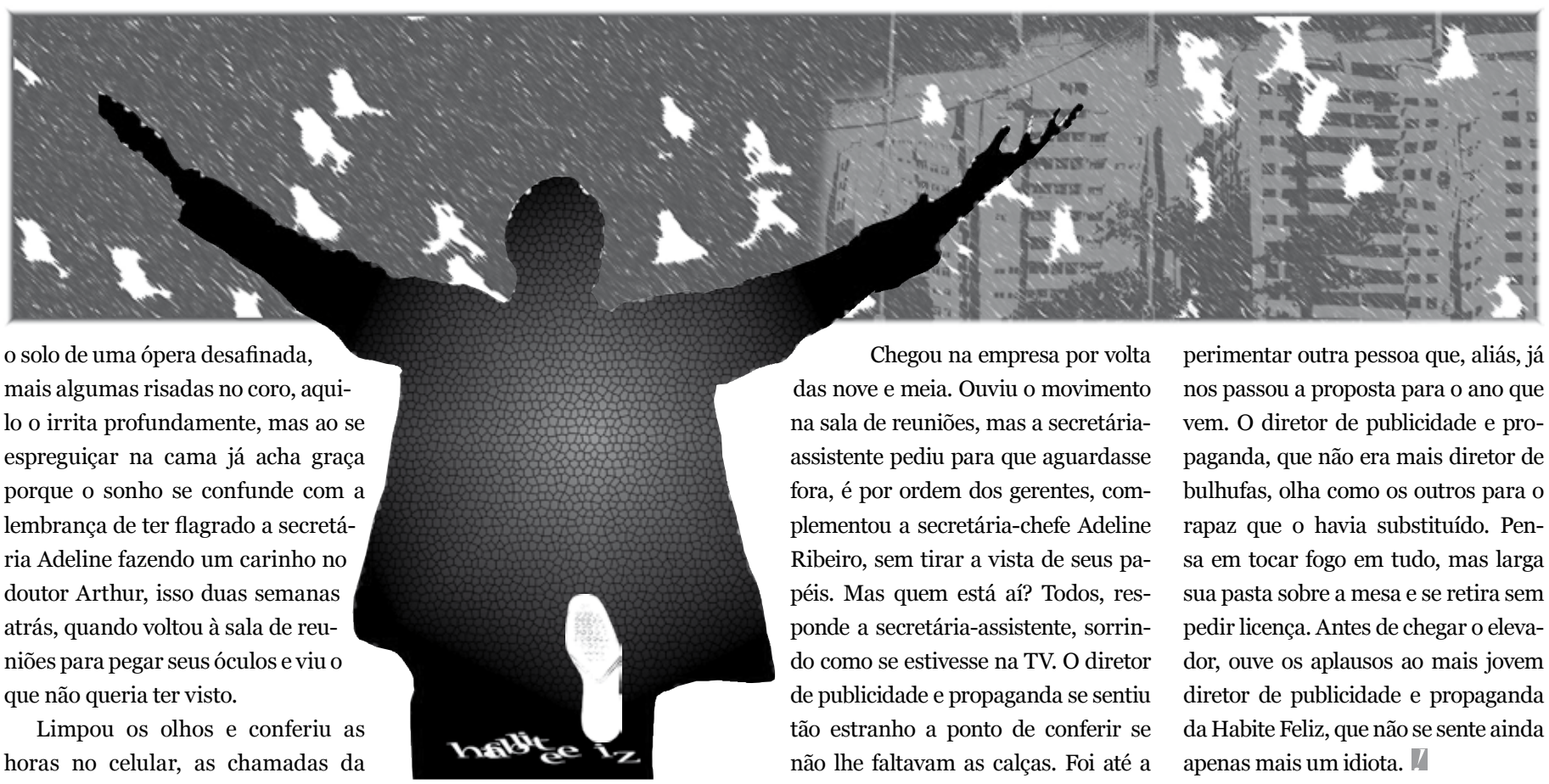
[1] NOVO caes. Folha Nova, 18 nov.1926, pg.03.
[2] Veiga, Eliane Veras da. Florianópolis – Memória Urbana. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.
[3] Inauguração do Miramar. A República, 30 set.1928.
[4] MIRAMAR. A República. Florianópolis, 04 nov.1928.
[5] Ibidem.

TEXTO | MARILANGE NONNENMACHER
FOTOS | ACERVO DA CASA DA MEMÓRIA DE FLORIANÓPOLIS

A REUNIÃO

Do pouco que dormiu, o diretor de publicidade e propaganda da imobiliária Habite Feliz recordava o sonho de uma festa numa grande casa desconhecida. Via os gerentes-fundadores da empresa, os advogados, os diretores de compra, venda e aluguel, via as secretárias como sempre muito maquiadas, via a todos, mas ninguém parecia vê-lo, tentava cumprimentá-los e não lograva êxito, era um fantasma de carne e osso. Queria entrar no clima do encontro, mas, quando estava prestes a pegar uma taça de vinho, o garçom e a bandeja escapavam de suas mãos. A poucos metros de alcançar um grupo, em um piscar de olhos, todos se dispersavam e não o escutavam chamar. Ouvia o burburinho de palavras sem nexo e de toda a confusão sonora duas vozes se sobressaíam: uma de tenor e a outra de soprano. A do advogado tenor Arthur, ou melhor, doutor Arthur, como fazia questão de ser chamado, dada a importância de sua voz e a magnitude de sua barriga na empresa, e a outra, a voz da secretária Adeline Ribeiro, timbre de soprano que o encantava como a todos os machos da imobiliária, apesar de saber que ela podia apitar só por prepotência qualquer decisão no ouvido de qualquer gerente ou diretor. O diretor de publicidade e propaganda ouve as duas vozes como o solo de uma ópera desafinada, mais algumas risadas no coro, aquilo o irrita profundamente, mas ao se espreguiçar na cama já acha graça porque o sonho se confunde com a lembrança de ter flagrado a secretária Adeline fazendo um carinho no doutor Arthur, isso duas semanas atrás, quando voltou à sala de reuniões para pegar seus óculos e viu o que não queria ter visto.

Limpou os olhos e conferiu as horas no celular, as chamadas da família, os torpedos dos amigos, os e-mails, nenhuma urgência, ninguém para salvá-lo da reunião que haveria dali a duas horas na imobiliária, nesta bela segunda-feira de sol que admirava ao abrir a persiana do sétimo andar, embora o sol aparecesse apenas lá pelas onze por cima de uma parede de prédios à sua frente, todos da empresa, como o apartamento que havia comprado: A sua casa é a sua vida, dizia o slogan: Habite Feliz. Há mais de dez anos trabalhava na Habite Feliz, tinha um bom salário, mas às vezes cogitava durante um tempo em se jogar da sacada de seu prédio, especialmente quando se dava conta de que contribuía para empilhar casais, famílias, cachorros, gatos, passarinhos e solitários como ele, uns sobre os outros em caixas dentro de caixas em uma grande caixa que era o prédio onde cada qual morava entre outras caixas que cobriam o sol dentro de uma caixa atômica que era a cidade, pronta para explodir a cada esquina e a qualquer instante. O diretor sentia o vapor da cidade com a janela aberta e tentava vencer o drama de sair de casa para encontrar as pessoas com as quais trabalhava há anos e não fazia a menor questão de manter intimidade. Põe a água do café a fogo baixo enquanto aproveita para tomar um banho. Toca o celular e o atende debaixo do chuveiro, é uma das secretárias avisando que a reunião começará mais tarde, lá pelas dez, tanto faz, pensa consigo, vou ter de vê-los mesmo, quem já abraçou o diabo faz hora para lhe beijar os chifres. Lembrou que era uma reunião decisiva para o programa do ano seguinte, teria que prestar bastante atenção no que seria falado, sobretudo quanto aos interesses e críticas ao seu setor. O lucro da empresa não havia sido bom este ano, ele deveria propor algo que não comprometesse o caixa e ao mesmo tempo chamasse a atenção do público. Pensou em uma animação para a TV: uma casa coberta de laje e uma família que nela entra da esquerda para a direita na tela, mais uma família entra e outra casa sobre a casa, depois um cão e um casal, todos entram pela porta principal e aparecem a cada novo andar em uma janela ou sacada, até que se vê um prédio de cinco andares e no sentido contrário surge a inscrição Habite Feliz, que esbarra no prédio, desmorona e todos morrem felizes. Não, o final seria diferente, precisava manter seu emprego e sua solidão na vida urbana durante o próximo ano. Tomou café, escolheu um terno e sentiu-se um idiota ao se ver no espelho, no vigor de seus trinta e nove anos.



Chegou na empresa por volta das nove e meia. Ouviu o movimento na sala de reuniões, mas a secretária-assistente pediu para que aguardasse fora, é por ordem dos gerentes, complementou a secretária-chefe Adeline Ribeiro, sem tirar a vista de seus papéis. Mas quem está aí? Todos, responde a secretária-assistente, sorrindo como se estivesse na TV. O diretor de publicidade e propaganda se sentiu tão estranho a ponto de conferir se não lhe faltavam as calças. Foi até a janela, vigésimo nono andar, formigas, formigas contra o tempo sem ver a morte. Apanhou um cigarro quando lembrou que não podia fumar. As duas secretárias o olhavam fixamente. Foi ao banheiro e fumou com o orgulho juvenil de estar soprando a fumaça pelo basculante, mas com a consciência do velho a respeito do tempo e da vida que se vai como fumaça. Voltou à sala de espera, suando frio, já passava das dez horas e se entupia de café. Foi a sua sala, pegou uma pasta importante para a reunião. Mas a reunião já acontecia... estão tramando algo, é claro, e lembrou-se de seu assistente sem saber por que: o sobrinho do doutor Arthur, inteligente e arrogante como o tio. A porta da sala das reuniões se abre, é o próprio sobrinho quem o chama, com aquele sorriso de bom moço, aperta sua mão, como está, entre por favor. O diretor cumprimenta os presentes, mas não se fixa no rosto de ninguém, com exceção do doutor advogado, cujos bigodes se empinam de alegria. Mal se senta quando o mais velho gerente-fundador da empresa, no extremo oposto da enorme mesa de mogno, fala em tom cortês: Nós vamos encaminhar seu currículo e uma carta de recomendação para outras empresas do ramo. Você é uma pessoa de confiança, mas há tempos notamos uma falha no seu setor e temos de experimentar outra pessoa que, aliás, já nos passou a proposta para o ano que vem. O diretor de publicidade e propaganda, que não era mais diretor de bulhufas, olha como os outros para o rapaz que o havia substituído. Pensa em tocar fogo em tudo, mas larga sua pasta sobre a mesa e se retira sem pedir licença. Antes de chegar o elevador, ouve os aplausos ao mais jovem diretor de publicidade e propaganda da Habite Feliz, que não se sente ainda apenas mais um idiota.

TEXTO | JASON DE LIMA E SILVA
ILUSTRAÇÃO | AYRTON CRUZ/DIVULGAÇÃO

CARO RIMBAUD

BERNÚNCIA EDITORA,
2006, 120 P.

Atrás do jardim

Isso é novo. Não! Pode ser ardil na água pura, mar evasivo nos meus lábios só para não acordar as palavras no tempo que passou. Procura agora o nome da floresta que não existe mais, bisneto do câncer. Aqui na vidraça onde murmura o bêbado vacilante, torce a cortina. Portanto, é agora junto do teu silêncio, é agora com as verdades mal feitas e as mentiras ao acaso, rosa em elaboração por si mesma atrás do jardim onde as cores são outras.

Faroleiro

O faroleiro é mais do que adivinhas. Um século inconsciente que se adianta no meio do dilúvio como se ali houvesse uma cidade sem fachadas, mas apenas quintais com roupas de gala secando ao sol. Aqui e ali alguns arquipélagos decorados por geleiras. Um esqueleto sorrateiro passar pela velha desprevenida que desmaia.

Assumo meu posto de faroleiro. Ilumino essa rocha de desastres onde enrolei mil vezes ou mais meu silêncio em cada noite. Os navios têm gosto para tais acontecimentos; são as velhas sensações em cima do convés. Descobertas, nenhuma!

11.

Dentro da caixa, além de revólver, cartas,
pílulas para dormir; também há
horizonte, chuva, coisas mais humanas
que a esperança.

Até anúncios de crimes, rumos impróprios
das idéias no extremo oposto
de uma das perucas de Warhol.

Nenhum tipo de horror peca.

TEXTO | C.RONALD
ILUSTRAÇÃO | AYRTON CRUZ/DIVULGAÇÃO

POEMA | DENNIS RADÜNZ
DESENHO | AUTO-RETRATO DE MARTINHO DE HARO

FASES DA FISIONOMIA

a aparição em claro-escuro
sopesa o outro sobre a pele
entre uns nichos de tecidos
e as suas células moventes

(o que respira ainda é rosto
sobre o remoto sobre-rosto
nas carnações do movediço
e os seus maciços sinuosos)

mas a figura o escasseia
em levas de fisionomias
(pelame, voz, temperatura,
cabeça posta sobre a febre)

e a dentição, sob o desenho,
devora adentro a identidade
caso o disfarce não falseie
o impossível da aparência

--

todo mesmo é diferença
(as idades da alteridade)
todo retrato é insciência
feição da sobrenatureza

SEMIÓTICA CURATORIAL PROPÕE IMAGENS À INVENTIVIDADE DOS POETAS. AS IMAGENS, PORTANTO, NÃO ILUSTRAM OS POEMAS: SÃO OS POEMAS QUE SE REFEREM ÀS IMAGENS E SÃO ESCRITOS INSTANTANEAMENTE.